Introdução

A Religião – Islamismo

A palavra religião vem do latim: *religio*. A religião é um vínculo, onde o mundo profano e o mundo sagrado são as partes vinculadas.

Esse vínculo, na religião judaica, aparece quando Jeová indica ao povo o lugar onde deve habitar - a Terra Prometida - e o espaço onde o templo deverá ser edificado, para nele ser colocada a Arca da Aliança, símbolo do vínculo que une o povo e seu Deus. No cristianismo, a *religio* é explicitada por um gesto de união. O espaço sagrado é criado pela religião através de sacralização e consagração. Os céus o monte Olimpo (na Grécia), as montanhas do deserto (em Israel), templos e igrejas são santuários ou morada dos deuses.

A religião não transmuta apenas com o espaço. Também qualifica o tempo, dando-lhe a marca do sagrado. A narrativa sagrada é a história sagrada que os gregos chamavam de mito, ou seja, é uma maneira pela qual uma sociedade narra para si mesma seu começo e o de toda a sua realidade, inclusive o começo do nascimento dos próprios deuses (teogonias).

A história sagrada ou mito narra como e por que a ordem do mundo existe, e como e por que foi doada aos humanos pelos deuses.

RITOS

Os ritos são criados para explicar porque a religião liga humanos e divindade, porque organiza o espaço e o tempo, os seres humanos precisam garantir que a ligação e a organização se mantenham e sejam sempre propícias. Uma vez fixada a simbologia de um ritual, sua eficácia dependerá da repetição minuciosa e perfeita. O rito é uma cerimônia na qual é possível adquirir o poder misterioso de presente: fixar o laço entre humanos e a divindade.

OS OBJETOS SIMBÓLICOS

A religião não sacraliza apenas o espaço e o tempo, mas também seres e objetos do mundo que se tornam símbolos de algum fato religioso. Sobre esse ser ou objeto recai a noção de tabu: é um interdito, ou seja, não pode ser tocado nem manipulado por ninguém que não esteja religiosamente autorizado para isso. No judaísmo e no islamismo a carne de porco é tabu (é impura), pois o tabu também pode se referir a seres impuros que devem permanecer afastados dos deuses e humanos.

MANIFESTAÇÕES E REVELAÇÃO

Os deuses podem se manifestar através da iluminação, ou seja, é dado a um humano a capacidade de ver o que um ser humano comum não pode. E através da revelação, onde o homem consegue ver a vontade de Deus, com visões e sonhos.

No caso do islamismo, a visão é dada pela revelação.

A vontade divina pode tornar-se parcialmente conhecida dos humanos, sob a forma de leis. Ela pode se manifestar diretamente ou por intermediários

MAOMÉ

O nome Maomé (570 - 632) é uma alteração hispânica de *Muhammad*, que significa digno de louvor. O Profeta nasce em Meca, numa família de mercadores. Começa sua pregação aos 40 anos, quando, segundo a tradição, tem uma visão do arcanjo Gabriel, que lhe revela a existência de um Deus único. Na época, as religiões da península Arábica são o cristianismo bizantino, o judaísmo e uma forma de politeísmo que venera vários deuses tribais. Maomé passa a pregar sua mensagem monoteísta e encontra grande oposição. Perseguido em Meca, é

obrigado a emigrar para Medina, em 622. Esse fato, chamado Hégira, é o marco inicial do calendário muçulmano. Em Medina, ele é reconhecido como profeta e legislador, assume a autoridade espiritual e temporal, vence a oposição judaica e estabelece a paz entre as tribos árabes. Quase dez anos depois, Maomé e seu exército ocupam Meca, sede de Caaba, centro de peregrinação dos muçulmanos. Maomé morre em 632 como líder de uma religião em expansão e de um Estado árabe em via de se organizar politicamente.

PRECEITOS RELIGIOSOS

A vida religiosa do muçulmano tem práticas bastante rigorosas. Ele deve cumprir os chamados pilares da religião. O primeiro é a *shadada* ou profissão de fé: Não há deus e sim Deus. Maomé é o profeta de Deus. Ela deve ser recitada pelo menos uma vez na vida, em voz alta, com pleno entendimento de seu significado.

O segundo pilar são as cinco orações diárias comunitárias (*slâts*), durante as quais o fiel deve ficar ajoelhado e curvado em direção a Meca. Às sextas-feiras realiza-se um sermão a partir de um verso do *Alcorão*, de conteúdo moral, social ou político. O terceiro pilar é uma taxa chamada *zakat*. Único tributo permanente ditado pelo *Alcorão*, é pago anualmente em grãos, gado ou dinheiro. Deve ser empregado para auxiliar os pobres, mas também para o pagamento de resgate de muçulmanos presos em guerras.

O quarto pilar consiste no jejum completo feito durante todo o mês do *Ramadã*, do amanhecer ao pôr-do-sol. Nesse período, em que se celebra a revelação do *Alcorão* a Maomé, o fiel não pode comer, beber, fumar ou manter relações sexuais. O quinto pilar é o *haji* ou a peregrinação a Meca, que precisa ser feita pelo menos uma vez na vida por todo muçulmano com condições físicas e econômicas para tal.

A esses cinco pilares, a seita *khawarij* adicionou o *jihad*. Traduzido comumente como guerra santa, significa batalha com a qual se atinge um dos objetivos do islamismo: reformar o mundo. É permitido o uso dos Exércitos nacionais como

meio de difundir os princípios do islã. Segundo a doutrina muçulmana, as guerras, porém, não podem visar a expansão territorial nem a conversão forçada de pessoas. Por isso, o *jihad* não é aceito por toda a comunidade islâmica.

FESTAS RELIGIOSAS

As principais são Eid el Fitr, Eid el Adha, ano de Hégira e a comemoração do nascimento de Maomé. Elas acontecem nessa ordem ao longo do ano e são definidas segundo o calendário lunar, por isso têm datas móveis. Na Eid el Fitr é comemorado o fim do *Ramadã*, com orações coletivas. Eid el Adha rememora o dia em que Abraão aceita a ordem divina de sacrificar um carneiro em lugar de seu filho, Ismael. Na época de Eid el Adha também acontece a peregrinação a Meca. O ano de Hégira é o Ano-Novo islâmico, comemorado no dia 1º do mês *Muharram*. O ano (1998/1999) foi o 1.419º da Hégia. O marco inicial é o ano de 622, quando Maomé deixa Meca.

DIVISÕES DO ISLAMISMO

Os muçulmanos se dividem em dois grandes grupos, os sunitas e os xiitas. Os sunitas subdividem-se em quatro grupos menores: hanafitas, malequitas, chafeitas e hambanitas. São os seguidores da tradição do Profeta, continuada por All-Abbas, seu tio. Calcula-se que 83% dos muçulmanos sejam sunitas. Para eles, a autoridade espiritual pertence à comunidade como um todo. Os xiitas (16% dos muçulmanos) são partidários de Ali, marido de Fátima, filha de Maomé. Seus descendentes teriam a chave para interpretar os ensinamentos do Islã. São líderes da comunidade e continuadores da missão espiritual de Maomé. A rivalidade com os sunitas é exacerbada com a revolução iraniana liderada por Ruhollah Khomeini.

Irã – O fanatismo islâmico

Com catorze anos de existência, o Irã é um dos países que mais levou a sério o fundamentalismo islâmico. Esse fenômeno tem pouco mais de duas décadas e sua forma é uma guerra santa cujo projeto é tomar o poder, varrer a influência ocidental e estabelecer o reino de Alá na Terra. Muitos fiéis aderiram a esse movimento.

Esse fanatismo todo teve seu auge em 1979, com a criação da primeira república islâmica. De lá para cá foi surgindo uma nova geração, moderada e moderna, a qual tenta dar uma face humana ao regime dos aiatolás.

O sistema islâmico aplica a lei do Alcorão a todos os aspectos da vida do povo, sendo que os aiatolás se firmaram no papel de donos do aparelho de Estado, dos tribunais e dos canhões. Mas, finalmente, começam a perder a luta pela alma do povo iraniano.

Mais de 70 milhões de iranianos estão fartos do clero que manda no país e em cada detalhe de suas vidas.

Antigamente, o Irã era uma nação de costumes medievais, opressão política e furor místico de meter medo até na superpotência americana. Agora é a contraprova de que o fanatismo islâmico está perdendo fôlego.

Dois em cada três iranianos querem restabelecer a supremacia da lei civil sobre o direito canônico. Restaurar direitos triviais do cotidiano como namorar, vestir gravata e usar saia curta. Trata-se de um conceito aceito universalmente, mas para o clero iraniano é mais que subversivo, beira a heresia.

Num estado islâmico perfeito, a única lei é a de Alá e daqueles que governam em seu nome. A liberdade do homem pode ser vista como uma afronta à única lei legítima, a de Deus.

O mundo muçulmano adora fingir unidade mas é um mundo onde se misturam povos e culturas totalmente diferentes uns dos outros.

O momento é contraditório, pois o fundamentalismo armado, como a fé e a cultura, passa por um vibrante processo de renascimento. A noção de que a

religião deve ter um papel importante na vida pública tem raízes profundas e não pode ser ignorada pelos governantes dos países de população muçulmana.

O Irã é absolutamente teocrático, ou seja, é dirigido pelo clero muçulmano a partir não de leis votadas em parlamento, e sim de regras citadas no Alcorão. Boa parte dos 23 países árabes é governada por presidentes com a preocupação religiosa apenas formal.

Guardião dos lugares santos , a Família Real Saudita inventou a polícia da moralidade, que ajuda para que as leis sejam obedecidas: mulher que sai de casa sem véu apanha de chicote.

Por invocarem os Versos da Espada, os islâmicos fundamentalistas estão perdendo poder, ou seja, eles interpretam o Alcorão com apelo à Guerra Santa.

O fracasso da única teocracia deu impulso a novas formulações sobre o Estado islâmico moderno. Muitas das discussões mais profundas dentro do islamismo estão ocorrendo no jornais, tribunas e salas de aula iranianas. Intelectuais estão colocando em dúvida as bases do pensamento religioso sobre a qual construíram a República Islâmica. A atual geração está tentando devolver o poder político ao povo, sem precisar jogar Alá pela janela.

Alcorão

De acordo com a história da Península Arábica, a idolatria era a religião dominante entre os árabes.

A vida social da Península sofria com os vários costumes que a razão e a consciência repugnavam.

Os judeus e cristãos, apesar de várias tentativas não conseguiram unir os árabes em uma só nação.

Diante desse caos, surge Maomé com o Alcorão pregando a adoração de um só Deus, com um guia para os costumes, para o comportamento e para o caráter da sociedade.

A união do Islã e o Alcorão contribuíram para que os árabes construíssem uma nação. Os versículos do Alcorão prendem a leitura, incitam a cultura e incentivam a pesquisa e a especulação. O livro é base da lei e dos ritos islâmicos.

O Alcorão era e continua sendo o centro da cultura islâmica, dos movimentos filosóficos e de todas as suas atividades intelectuais.

A palavra Alcorão literalmente significa “leitura por excelência ou recitação”. O livro é dirigido a toda a humanidade sem distinção de raça, cor, religião ou tempo. Ainda mais, ele procura guiar a humanidade em todas as sendas da vida: espirituais, materiais, individuais e coletivas.

Ele busca principalmente desenvolver a personalidade do indivíduo. Para tal propósito, o Alcorão não somente fornece ordens, porém tenta ainda convencer.

O Alcorão não é um livro de censo comum, é a coleção das palavras de Deus, reveladas de tempos em tempos, durante 23 anos.

Conclusão

A religião está presente em todas as sociedades e tem grande influência na cultura dos povos.

Apesar dele se dirigir ao intelecto das pessoas, não é explicado pela filosofia, nem pela ciência. A religião atinge as emoções, origina a fé na lei divina, é um sentimento tão forte que pode ser a base de toda uma cultura.

Os pensamentos se renovam e as culturas se proliferam; a vida evolui e a colheita intelectual da humanidade aumenta a cada dia. E quanto mais a humanidade evolui, mais unida e mesclada fica.

Os veículos de comunicação em muito ajudaram, como se quisessem colaborar com as palavras do Alcorão.

“Ó humanos, em verdade, nós nos criamos homens e mulheres e nos dividimos em poucas tribos para que vos reconheçêsseis uns aos outros.”